

# **Seminário Internacional inicia ressaltando importância da mudança social para coibir violência sexista**

***(Luciana Araújo/Agência Patrícia Galvão, 20/05/2015)*** A solenidade de abertura do 1º Seminário Internacional Cultura da Violência contra as Mulheres, realizado pelo Instituto Patrícia Galvão e Instituto Vladimir Herzog em São Paulo, reafirmou a importância da educação, das políticas de prevenção e de ações articuladas entre Estado e sociedade civil para enfrentar o fenômeno mundial das violações aos direitos humanos das mulheres.

[Assista aqui ao vivo.](#)

O evento reúne mais de mil pessoas no auditório do Sesc Pinheiros. Falando pela organização do evento, Jacira Melo, diretora executiva do Instituto Patrícia Galvão, ressaltou a importância do debate para todos os que defendem “uma perspectiva civilizatória”. Ivo Herzog homenageou sua mãe, Clarice, como um exemplo de força e resistência à violência cultural e institucional que afeta as mulheres – arrancando uma longa salva de palmas do público.

***Veja a cobertura do evento:***

[\*Presidente da CIDH chama atenção para a invisibilidade da violência institucional \(Agência Patrícia Galvão, 25/05/2015\)\*](#)

[\*O papel da mídia na superação da cultura de violência contra as mulheres \(Agência Patrícia Galvão, 22/05/2015\)\*](#)

[\*A importância de valorizar os diferentes marcadores para enfrentar a violência sexista \(Agência Patrícia Galvão, 21/05/2015\)\*](#)

[\*Especialistas apontam necessidade de ações de prevenção junto aos jovens para enfrentar violência contra as mulheres \(Agência Patrícia Galvão, 21/05/2015\)\*](#)

Nadine Gasman, representante da ONU Mulheres no Brasil, lembrou que não é possível desconstruir a violência sem falar em educação. “Abordar as masculinidades e formas como as desigualdades de gênero se reproduzem inclusive nas escolas” é fundamental para discutir como essa cultura violenta se transmite em toda a sociedade.

Nilcéa Freire, representando a Fundação Ford, falou sobre a importância de refletir sobre o que avalia como um “aprofundamento de um padrão de crueldade na violência de gênero” especialmente nos espaços públicos, tendo como exemplos estupros coletivos e em transportes. Fenômenos da violência sexista que vêm sendo denunciados em realidades geográfica e culturalmente distantes como a Índia e o Brasil, reiterando o que já havia dito em sua mensagem em vídeo a subsecretária das Nações Unidas e diretora executiva da ONU Mulheres, Phumzile Mlambo-Ngcuka. “A violência contra mulheres e meninas não tem fronteiras, religião, classe social, raça ou nível educacional”.

[easyrotator]erc\_47\_1432839961[/easyrotator]

Eleonora Menicucci, ministra da Secretaria de Políticas para as Mulheres da Presidência, lembrou a década de 1980, quando em São Paulo surgiu o SOS Mulher e as mobilizações contra a impunidade de tais crimes. “Infelizmente mantém-se até hoje o paradigma de banalização da violência às mulheres”, frisou, acrescentando que a cultura de violência de gênero não pode ser transformada apenas com políticas públicas, mas exige também campanhas, iniciativas educacionais e envolvimento de atores sociais e empresariais.

A ministra também leu uma mensagem enviada pela presidenta Dilma Rousseff aos participantes do Seminário em que aponta o combate à violência contra a mulher e à desigualdade de gênero como “premissas de uma sociedade justa e democrática que nos compete construir e promover”.

O secretário municipal de Direitos Humanos da capital paulista, Eduardo Suplicy, e o diretor regional do Sesc SP, Luiz Massaro Galina, também saudaram a abertura do evento.

## **Mensagens da ONU apontam fim da violência sexista como desafio do século**

Por meio de mensagem em vídeo Phumzile Mlambo-Ngcuka, subsecretária geral das Nações Unidas e diretora executiva da ONU Mulheres, frisou que é “inaceitável” que uma em cada três mulheres no mundo sofram violência em algum momento de suas vidas. “A violência contra mulheres e meninas – seja ela física, sexual, patrimonial ou psicológica – é uma estratégia de preservação e reprodução do patriarcado”.

Phumzile afirmou também que “a realização deste Seminário no Brasil reforça a reputação do país no que diz respeito aos avanços legais e políticos nesse sentido. Aplaudo a recente lei criminalizando o feminicídio no Brasil como um importante investimento na implementação do Programa Mulher, Viver sem Violência. Assim como a abertura das Casas da Mulher Brasileira, que asseguram o atendimento integrado às mulheres vítimas de violência”.

A subsecretária geral da ONU frisou que “a mídia e as religiões têm um papel destacado na formação dessa realidade” e que é preciso “encontrar o caminho para mudar as agendas econômicas e sociais que dão a homens e rapazes acesso privilegiado ao desenvolvimento econômico e social em detrimento das mulheres e meninas”.

Phumzile ressaltou ainda que para alcançar um planeta efetivamente igualitário em 2030, como prevê a agenda “Planeta 50-50”, lançada na reunião da Comissão sobre a Situação das Mulheres (CSW) ocorrida em março deste ano em Nova York, é necessária uma transformação social real para assegurar a igualdade às mulheres e jovens. “Precisamos construir um aparato em todas as áreas e garantir a elas acesso ao desenvolvimento humano sustentável, paz e segurança”, disse, concluindo que o Seminário contribui para esse novo paradigma.

O secretário geral das Nações Unidas, Ban Ki-moon, também enviou mensagem audiovisual ressaltando que colocar fim à epidemia global de violência contra as mulheres é uma das prioridades da ONU e a motivação da campanha UNA-Se, que mobiliza governos, a sociedade civil e a mídia ao redor do mundo. E, como Phumzile, citou também a [campanha ‘He for She’](#).

[da ONU Mulheres](#), que chama os homens à responsabilidade na garantia do direito das mulheres à igualdade de gênero, afirmando que os progressos obtidos nesse sentido ainda são insuficientes.

“A violência contra a mulher ainda acontece todos os dias em todos os países. E essa é a mais extrema manifestação da opressão social, sexual, política e econômica global das mulheres e meninas. Temos que entender as causas e saber o que fazer para eliminá-la. Isso inclui mudanças na percepção das masculinidades que promovem a dominação e a agressão às mulheres. Pôr fim à violência contra mulheres e meninas é um dos mais importantes objetivos deste século”, afirmou Ban Ki-moon.